

Estudar ou sobreviver

Terça-feira, 17h. Com apenas 11 anos, Luana* se apressa para passar pelo maior número de carros possível com a caixa de balas e chicletes em mãos. Poucos motoristas abrem a janela. E a maioria apenas acena negativamente os dedos. O reflexo da menina nas janelas fechadas deixa claro: o lugar dela não é ali. Luana vende guloseimas nos sinais de trânsito da Rodoviária do Plano Piloto há quase dois anos. A irmã mais velha, Joana*, com 15 anos, também trabalha no local, mas na plataforma superior.

As duas moram no Lago Azul, perto do Novo Gama, e acreditam que batalhar pelo sustento é mais importante que estudar — porque é urgente. "Sempre me disseram que eu sou inteligente, mas tenho que trabalhar todos os dias porque somos pobres. Nem sempre dá para fazer o que a gente quer", afirma Luana, aparentando uma maturidade que destoa da idade.

Assim como Luana e Joana, outras 7.570 crianças e adolescentes brasileiros com idade até 15 anos estão no mercado de trabalho. O fenômeno está na contramão do desenvolvimento econômico e social do DF e do país. De acordo com o 3º Relatório Nacional de Direitos Humanos no Brasil, lançado pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV) e pela Universidade de São Paulo (USP)

no início do ano, o trabalho infantil estimula o aumento da desigualdade social e prejudica o desenvolvimento integral, ou seja, físico, psicológico, intelectual e social na infância. "O trabalho normalmente dificulta ou até impede o acesso aos estudos, deixa poucas oportunidades para brincar e para se preparar para a fase adulta", cita o documento, lançado no Congresso Nacional.

Luana faz parte de um exército de meninos e meninas que passam o dia nas ruas, nos canaviais, em olarias ou em casas de família e não têm tempo para ser criança. E, quando vão para escola, não conseguem acompanhar o ritmo dos colegas.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 74% dos pequenos trabalhadores domésticos estão estudando, mas de forma irregular e com alto índice de atraso escolar.

Para piorar o cenário, após 14 anos de queda, a taxa de ocupação de crianças e jovens de 5 a 15 anos no Brasil aumentou. No último estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no final do ano passado, aproximadamente 2,9 milhões de brasileiros nesta faixa etária trabalhavam no país em 2005 — um aumento de 120 mil brasileiros com menos de 15 anos no mercado informal. (EK)

* NOMES FICTÍCIOS PARA PROTEGER AS MENINAS



ESPERANÇA

ROSICLEIDE, 12 ANOS: QUANDO O UNIFORME FICA SUJO DE TERRA, NÃO VAI À ESCOLA. A MENINA, PORÉM, NÃO DESANIMA. SONHA EM DEIXAR PARA TRÁS O BARRACO DE LONA E SER PROFESSORA

Nota 10 em perseverança

Rosicleide de Oliveira dos Santos, de 12 anos, adora ir para a escola. Tanto que sonha em sair debaixo da lona para ser professora um dia. Se existisse uma disciplina para avaliar a perseverança, ela tiraria nota máxima. Apesar disso, pela falta de um endereço, de um teto e de recursos, a menina nem sempre consegue estudar. E já está com uma defasagem de dois anos. Ela faz parte de um grupo de mais de 225 mil brasileiros que sofrem com a pobreza diariamente no Distrito Federal. É esse o total de miseráveis que vivem na capital do país, segundo a Fundação Getúlio Vargas.

O alto número é preocupante porque, além de problemas relacionados à saúde e à nutrição, está relacionado às próximas gerações. De acordo com um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), 27% das crianças que estão fora da escola no Brasil vivem em famílias com renda mensal menor que meio salário mínimo.

No dia em que conversou com a reportagem do Correio, Rosicleide não foi para a escola porque as roupas estavam sujas. "Não tinha como vestir na menina o uniforme todo marcado de terra. Aqui temos que lavar a roupa todo dia", conta a tia da menina, Dejânia Miranda Leite, de 43 anos. Por causa disso, ela ficou cuidando das crianças menores do acampamento de catadores de papel próximo ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A tia aproveitou a presença da menina para ir lavar a roupa no Lago Paranoá.

"Gosto de português, de geografia e de história. Queria viajar para conhecer as capitais do Brasil todo", sonha a menina. "Outro dia, quando fui para a escola, a professora falou de lugares importantes para o Brasil ser o que é hoje e eu só conheço por fotografia dos livros." Rosicleide não precisaria ir tão longe para fazer turismo e aprender como tantas outras crianças da idade dela. Ela mora a menos de 1km da Esplanada dos Ministérios. No entanto, nunca foi ao Congresso Nacional. Não assistiu a troca da Bandeira e tampouco conhece o Memorial JK. (EK)

ENTREVISTA

CARMEM SILVEIRA DE OLIVEIRA, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

"MUITAS VEZES, NÃO BASTA TER VAGA NA ESCOLA"

Em todo o Brasil, são quase quatro milhões de brasileiros com idade entre 5 e 17 anos fora da escola. Engana-se quem pensa que o problema é apenas de falta de vagas nas salas de aula. "Não é a falta de lugar na sala de aula a principal causa", argumenta Carmem Silveira de Oliveira, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). É preciso também, avalia, combinar jornada ampliada com aulas mais atraentes. Em entrevista ao Correio, Carmem, que é subsecretária de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente do governo federal, admite que os estudantes com mais de 15 anos são os que mais preocupam pela dificuldade de reinserção no sistema.

Porque tantos brasileiros ainda não estão em sala de aula mesmo com a tão comemorada universalização do ensino?

Muitas vezes, não basta ter vaga na escola. Não é a falta de lugar na sala de aula a principal causa de termos crianças e jovens fora dos ensinos fundamental e médio. Tem alunos que chegam com experiência de três minutos de atenção. Não conseguem se concentrar em quatro horas de aula sentados em uma carteira. A experiência do mundo real fala mais alto. Principalmente com os jovens.

Qual é a saída?

A saída é combinar jornada ampliada com aulas mais atraentes. Estudantes de classe média ou ricos têm um segundo turno de atividades pago pelos pais. São crianças e adolescentes que estão na escola particular pela manhã e, de tarde, freqüentam natação, inglês, computação e balé. Todas deveriam ter acesso a esse nível de educação. Está na hora de mudarmos um fenômeno que tem se instalado no Brasil: as universidades cada vez mais brancas e as prisões cada vez mais negras.

Só isso é suficiente para incluir todos?

Não, principalmente no caso dos jovens. Para eles é importante introduzir qualificação profissional e o desenvolvimento da juventude. Não basta simplesmente o retorno à escola ou eles deixarão outras vezes o sistema escolar porque já não é mais tão atrativo.

E para as crianças menores?

Para os com menos de seis anos, o que está em questão é o direito ao ensino infantil ou às creches. Só assim elas terão condições de trabalhar o desenvolvimento de um lastro cognitivo e afetivo. Nesse caso, a preocupação é com a oferta de vagas. Até porque nesses casos, existe muito mais em jogo. Os irmãos dessas crianças que estão fora do ensino infantil precisam cuidar delas enquanto a mãe trabalha. Com isso, outras crianças, com idade entre 7 e 12 anos, também ficam excluídas do sistema escolar. Quando não são os irmãos mais velhos, é a mãe que não pode trabalhar para cuidar das crianças. Uma carência desencadeia outra e assim por diante. (EK)